

OS MUITOS EXÍLIOS DE WERNECK SODRÉ

Maria Helena MALTA¹

Por incrível que pareça, o grupo de militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) dentro das Forças Armadas, pelo menos até os anos 50 do século passado, era conhecido como “AntiMil”, abreviatura de Setor Antimilitar – uma denominação no mínimo curiosa, já que seus membros pretendiam fazer política e, além disso, pareciam muito à vontade dentro da farda. Nos anos 40, mesmo nos navios de guerra, circulava um jornal clandestino, o *Bandeira Vermelha*, e as escolhas editoriais eram freqüentemente rebeldes. Ainda naquela década, os militantes decidiram, por exemplo, que os novíssimos cruzadores brasileiros Tamandaré e Barroso não seguiriam os Estados Unidos para o cenário da guerra contra a Coréia, caso se confirmasse o boato sobre um acordo nesse sentido.

Os militares do PCB acreditavam piamente que a maioria de seus pares era democrática, nacionalista e sensível às questões sociais, mas, ainda assim, geralmente preferiam a cautela e a discrição. Era o caso de Nelson Werneck Sodré, o autor de *História da Imprensa no Brasil* (1967), que agora se transforma em personagem de *Um olhar à esquerda*, novo livro do cientista social Paulo Ribeiro da Cunha, professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP), que acaba de ser lançado pela Editora Revan.

Não por acaso, o livro é mais ou menos biográfico, ao narrar “a construção do pensamento marxista” de Werneck Sodré, um homem dividido entre a literatura, a profissão de militar e a política – essa última funcionando como mediadora, segundo o autor. Com a marca indelével da utopia tenentista, Werneck Sodré escreveu, segundo cálculos de Paulo Cunha, nada menos que 3 mil artigos e 58 livros, entre eles, *Introdução à Revolução Brasileira* (1958), *História Militar do Brasil* (1965) e *A farsa do Neoliberalismo* (1997). Até a sua morte, no fim dos anos 1990, o disciplinado oficial do Exército jamais assumiu a militância no PCB, convencido de que assim seria capaz de ampliar a esquerda ou mesmo o centro político, com o fim de isolar os radicais de direita.

Paulo Cunha parte não apenas de cartas, artigos e roteiros de cursos ministrados por seu personagem, mas também de entrevistas de colegas e amigos do militar e,

¹Jornalista e escritora, autora entre outros de: *A Intentona da Vovó Mariana*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1991 e *Brasil, Um Sonho Intenso*, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.

sobretudo, do empenho de tirar do ostracismo um profissional várias vezes condenado ao exílio em seu próprio país, apesar de ser considerado um formulador teórico da estratégia da revolução que os comunistas pretendiam implantar por aqui, principalmente no período que inclui o fim dos anos 50 e o começo dos anos 60 do século XX. Vale frisar que, ainda em vida, o personagem foi descartado não só da caserna, por motivos políticos, mas também do convívio com alguns de seus pares da intelectualidade, sobretudo acadêmica, que, por puro preconceito, o viam mais como militar do que como pensador e historiador.

Fruto de tese de doutorado defendida pelo autor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 2001, sob a orientação da Profa. Dra Élide Rugai Bastos, este passeio pela formação de Werneck Sodré é denso e instigante, apesar do tom de análise acadêmica. De certa forma, é uma viagem pela História do Brasil do período 1930-1951, ou, mais precisamente, pelo sentimento que inspirou seu personagem e que parece ter sido herdado, não só dos *tenentes* dos anos 20, mas dos jovens oficiais abolicionistas republicanos, evoluindo depois para o nacionalismo e o antigolpismo dos anos 50 e 60, uma faceta que às vezes misturava, no mesmo saco, ingredientes como ética, justiça social, nacionalismo e voluntarismo e que rendeu inúmeras turbulências (como a famosa Campanha do Petróleo), até ser brutalmente esmagada pelos expurgos de 1964, que inauguraram o regime militar. Há quem considere – o autor é um deles – que o *tenentismo* propriamente dito teria morrido antes, já em 1935, tendo a famosa Aliança Nacional Libertadora (ANL) como seu último suspiro. Mas isso é outra história.

Werneck Sodré não chegou a envolver-se na chamada Intentona Comunista, embora fosse um jovem tenente, talvez por ter visto a quartelada de Luiz Carlos Prestes como mais uma aventura inseqüente e infantil. Pelo menos é o que deduz o autor, após o profundo mergulho em dezenas de arquivos empoeirados, onde descobriu desejos, frustrações e influências (de Flaubert a Lênin) de um intelectual de lucidez e produção acima da média. Curiosamente, o militar reagiu com simpatia à Revolução Constitucionalista de 1932, pela “nobreza de suas intenções”, mas depois faria uma espécie de autocrítica, alegando não ter enxergado, na ocasião, “o cerne das questões” envolvidas.

Diretor da *Revista da Escola Militar*, que transformaria num elo com a intelectualidade civil (isto é, numa publicação “mais literária do que militar”, segundo suas próprias palavras), este oficial de artilharia montada privou da intimidade cultural de notáveis de sua época, como Sérgio Buarque e, mais tarde, Graciliano Ramos e Astrojildo Pereira, com os quais trocava idéias durante os encontros na Livraria José Olympio, e jamais escondeu um certo desgosto pela impossibilidade

econ mica de abrir mão da caserna para dedicar-se exclusivamente   cultura e, sobretudo, aos livros.

Amante da História do Brasil e, mais ainda, da chamada História Nova, foi um crítico implacável do ensino tradicional, que via como uma pilha de datas e fatos, sem a mínima preocupa o analítica com a psicologia social ou as condi es econ micas e geopolíticas de cada momento. Além disso, foi crítico literário no *Correio Paulistano*, por longos 26 anos, e   nesses primeiros textos que Paulo Cunha descobre sua incipiente veia política, além das sementes de uma futura visão marxista.

Sem nenhuma hesita o, o major Werneck Sodré participou tanto do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), ao lado de Hélio Jaguaribe, como do conselho técnico da Confedera o Nacional do Comércio, com colegas de forma o tão díspares quanto Caio Prado Júnior e Eug nio Gudim. Com o mesmo entusiasmo, ministrou aulas de História na Escola de Estado Maior do Exército, de onde seria afastado ainda no início da década de 1950, apesar dos elogios em sua folha profissional.

Por tr s das puni es que culminaram com a transferência para a fria e longínqua Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, estava a publica o de um artigo na *Revista do Clube Militar*.  quela altura, Werneck Sodré era o diretor cultural da entidade, eleito na chapa Estillac Leal-Horta Barbosa, e o texto pol mico, que saíra sem assinatura, abordava temas como a Guerra da Core ia, a dinamiza o do clube, o monopólio estatal do petróleo e outros, sempre num tom pacifista e nacionalista, o que, de resto, já constava da plataforma vitoriosa nas elei es da entidade. Naquele tempo, a esquerda temia que o Brasil virasse “col nia dos Estados Unidos” e via no imperialismo uma ameaça   paz.

Mas a persegui o não calou o militante. Sua indigna o, no entanto, só seria expressa muito mais tarde, após a prisão e a cassaa o pelo regime militar, nas *Memórias de Um Soldado* (1967). Mestre em crítica e autocr tica, ele não se poupava e tampouco fazia vista grossa às limita es de seus camaradas, mesmo que fossem heróis da época, como Luiz Carlos Prestes. Para o escritor, Prestes era superestimado pelo misticismo aventureiro do brasileiro comum, como revela o autor. Quanto às penas a que foi condenado, o militante faria pelo menos um desabafo, que não deixa de ser otimista: “Quem se porta com dignidade pode perder, mas saca para o futuro; nessa dignidade, aqui referida, não está, ou não está apenas, o conteúdo  tico, mas o conteúdo político, que   a sua essência.” No caso de Werneck Sodré, o mínimo que se pode dizer   que o futuro (isto  , o reconhecimento) veio tarde demais

CUNHA, P. R. da. **Um olhar   esquerda**: a utopia tenentista na constru o do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Revan, 2002.